Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).. | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

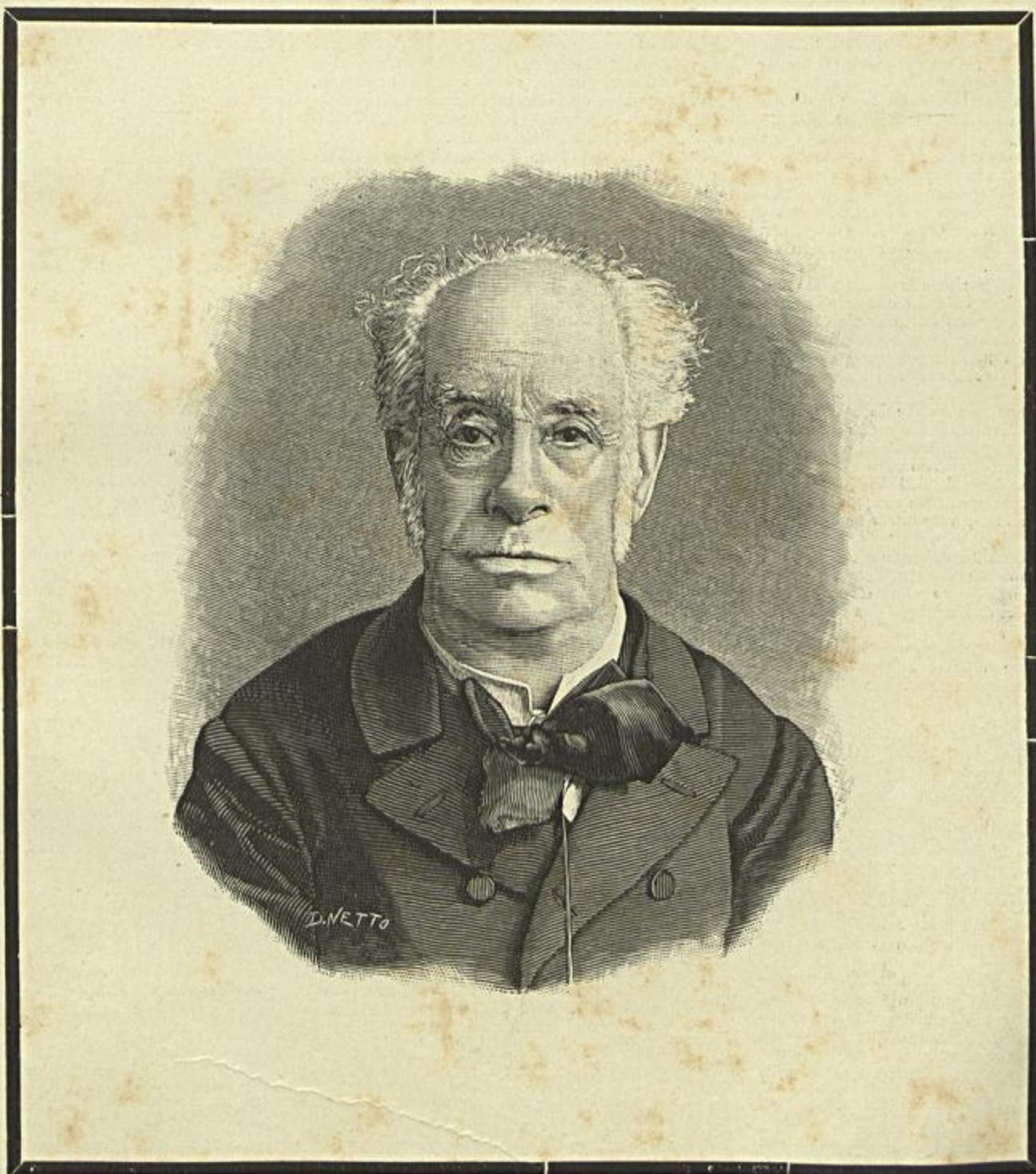
13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 430

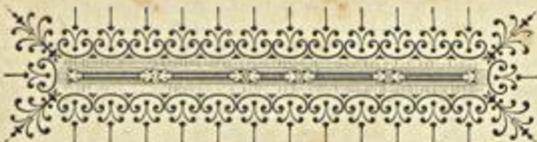
1 DE DEZEMBRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.


D. NETTO

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA, da Academia Real das Sciencias. — Fallecido em 26 de novembro de 1890

(Segundo uma photographia de Camacho)

## CHRONICA OCCIDENTAL

A chronica tem hoje a registar um triste acontecimento para as boas lettras portuguezas, a morte d'um dos litteratos mais eruditos da nossa terra e que pelo seu saber e pelo seu caracter era dos mais venerados e queridos—a morte do sr. Ignacio de Vilhena Barboza.

A pessoa que escreve estas linhas nunca teve a honra de viver na intimidade do illustre homem de lettras: fallou lhe apenas umas poucas vezes no antigo Passeio Publico do Rocio, que elle frequentava a miudo e ha muitos annos que apenas o avistava lá de longe em longe, dentro d'uma carruagem fechada em que a doença e a idade o obrigavam a agazalhar-se dos rigores do inverno; mas esse ligeiro conhecimento que teve d'elle foi o bastante para o estimar deveras, porque Ignacio de Vilhena Barboza era um bom, um simples, e não era necessario viver na sua intimidade para conhecer as altas qualidades d'aquelle espirito de eleição, os dotes preciosos d'aquelle coração de ouro.

D'uma simplicidade encantadora, d'uma delicadeza verdadeiramente excepecional realçada por esse bom humor jovial que nos velhos é o indicio certo de uma alma san, d'uma consciencia limpida, d'um longo passado tranquillo e sem manchas, não havia ninguem que captivasse logo tanto no primeiro encontro como Vilhena Barboza, que attrahisse tanta sympathia e tanta veneração, ao mesmo tempo, tanto respeito e tanta confiança.

Bastava fallar com elle meia hora para se ficar preso por uma inexplicavel attracção áquelle bom e sympathico velho, que se impunha á nossa estima e á nossa consideração sem nunca nos fazer sentir a superiodade do seu saber profundo da sua vastissima erudição.

Ignacio de Vilhena Barboza ia caminho dos 80 annos, e pode-se fazer idéa do que elle saberia tendo applicado quasi todas as horas d'essa longa vida ao estudo das coisas portuguezas, que foram sempre aquellas que mereceram a particular attenção e cuidado do seu previlegiadissimo espirito.

Nascido em Lisboa, em 11 de julho de 1811, Ignacio de Vilhena Barboza distinara-se á carreira ecclesiastica e aos 17 annos, depois de ter feito os seus estudos secundarios entrou para a congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, no convento de Xabregas, com tenção de seguir d'ahi para a Universidade a doutorar se em theologia.

A sua saude, já muito delicada n'esse tempo, apesar de estar ainda em plena mocidade não lhe permittiu realisar logo o seu plano e veio fazel-o mudar de rumo a lei da extincção das ordens religiosas em 1834.

Vilhena Barboza sahiu então do convento de Xabregas, onde não tinha ainda tomado ordens, e desistindo da camara ecclesiastica decidiu-se pela carreira litteraria, aquella que mais seduzia o seu brilhante espirito.

Em 1839 fundou um jornal litterario illustrado, que teve grande voga — *Universo illustrado*, e depois seguidamente, rediziu a *A União*, jornal politico conservador, o *Diario do Governo*, que então tinha uma redacção litteraria, collaborou n'uma grande porção de jornaes, o *Panorama*, o *Mosaico*, a *Illustração Luso Brazileira*, o *Ramalhete do Christão*, *Archivo Pittoresco*, *Artes e Lettres* e modernamente no *Commercio de Portugal*, e n'este nosso periodico *O Occidente*, que tem a honra de ha muito escrever o nome illustre de Vilhena Barboza, na lista brilhante dos seus mais assiduos collaboradores.

E todos esses artigos que Vilhena Barboza espalhou com mão prodiga por todos esses jornaes, são paginas importantes da historia archeologica e litteraria de Portugal, trabalhos de alto valor, que fazem auctoridade no assumpto e que a miudo são consultados pelos investigadores e pelos eruditos.

Não foi só n'esses trabalhos despersos que Vilhena Barboza empregou o seu profundo saber, a sua infatigavel actividade, essa actividade intellectual que o acompanhou até ao fim da sua longa vida, empregou-o em obras de muito maior tomo, como:—*As cidades e villas da monarchia portugueza, que teem brazão d'armas*, *Exemplos de virtudes civicas e domesticas colhidos na historia de Portugal*, *Estudos historicos e archeologicos*, *Monumentos de Portugal*.

Ignacio de Vilhena Barboza era membro do Conservatorio Real de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, socio effectivo da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes, do Instituto de Coimbra, da Academia Nacional de Paris, do Retiro litterario portuguez do Rio de Janeiro etc.

Paz á sua memoria gloriosa e honrada.

* * *

O mundo inteiro está sendo profundamente emocionado pela noticia d'uma descoberta scientifica, que será com certeza a descoberta mais maravilhosa do seculo XIX — a da curabilidade da tuberculose.

E' da Allemanha, da patria da sciencia, que vem essa descoberta e é seu auctor um sabio cujo nome é de ha muito conhecido e reputado em todo o mundo medico, mas que hoje anda em todas as boccas, tem uma fama universal—o dr. Roberto Kock.

A tuberculose é a mais mortifera inimiga da humanidade: ao lado da mortandade que ella faz quotodianamente em todo o mundo, as epidemias mais terriveis, o cholera, a peste, a febre amarella, não passam de inofensivos brinquedos.

Desde que no mundo se começou a estudar a maneira de debellar as enfermidades que atormentam a pobre raça humana que a tysica tem merecido a especial attenção de todos os medicos, e de todos os curandeiros. Desde seculos que os talentos mais notaveis da medicina estudam essa doença terrivel doença, e sem nenhum resultado, porque a tysica de todos tem occultado o seu segredo e tem continuado implacavel, inexoravel o seu lugubre caminho pelo mundo.

Estava reservado para o dr. Kock o ser o Œdepo d'esta moderna Sphynge, e se as experiencias que se estão fazendo em Berlim continuarem a dar o mesmo resultado brilhante que até agora tem dado, a tysica tem os seus dias contados, e passará a ser uma doença inoffensiva e facilmente curavel.

Comprehende-se bem todo o enorme alcance, não só scientifico, mas profundamente humanitario, da maravilhosa descoberta do dr. Kock, que deixando na sombra os seus gloriosos patricios Bismarck Moltke passou de repente a ser o primeiro homem da Allemanha, a primeira celebridade do mundo contemporaneo.

A noticia da famosa descoberta tem feito uma sensação excepcional no mundo inteiro e de todas as nações começam affluir a Berlim numerosos medicos a estudar o processo do dr. Kock, a aprender com elle o segredo da sua famosa descoberta, e mesmo de Portugal já alguns medicos distinctos se preparam para fazer essa viagem.

N'este momento em que Roberto Kock é o personagem mais em evidencia não só na Europa mas no mundo inteiro, parece-nos interessante dar a respeito d'elle algumas notas curiosas colhidas nas revistas estrangeiras.

O intrepido caçador de bacillos que parece ter encontrado o meio de vencer a tuberculose, nasceu em Clansthal, nas montanhas do Harz em 11 de Dezembro de 1843.

Esse sabio tão illustre, hoje subido ás eminencias da celebridade, conta portanto apenas 47 annos, o que para um sabio é mais do que a mocidade, é quasi a adolescencia.

Kock não tem nada o physico de *l'emploi*: é um homem elegante, bem posto, de barba talhada em bico, ar risonho, nenhum dos caracteristicos do homem de sciencia—um sabio d'um feitio original, um verdadeiro sabio *fim de seculo*.

A fronte alta, as fontes accentuadas indicam uma poderosa força intellectual, mas a cabeça que no alto traduz uma certa tendencia para a meditação, para a *rênerie*, toma na região inferior uma expressão singularmente practica: o queixo e os labios parecem pertencer muito menos a um homem de laboratorio do que a um homem de acção e de vontade.

Se o nariz bem feito e um pouco curto não usasse oculos fixos, ninguem diria que estava ali um professor da Universidade de Berlim.

Os principios de Kock foram dos mais modestos. Depois de se ter formado na Universidade de Gottingue e terminada a sua educação medica no hospital de Hamburgo, foi se estabelecer n'uma aldeola do antigo reino do Hanover.

Filho d'um empregado da administração das minas, Kock tinha fraco patrimonio e precisava arrancar ao seu trabalho difficil de medico de aldeia os seus meios de subsistencia. Depois de correr varias terras da provincia, como medico de partido, Kock assentou a sua residencia em Wolstein, e ahi começou então em regra os seus trabalhos de bacteriologia, que desde o principio do seu curso o seduzira. Apenas publicou a sua primeira obra sobre as doenças infecciosas resultantes de feridas, foi chamado pelo governo para o Instituto Sanitario de Berlim. Mais tarde, quando d'ali a annos voltou do Ganges de ir estudar o terrivel cholera asiatico na sua origem e de descobrir o famoso bacilo virgula, foi recebido em audiencia particular pelo imperador Guilherme I que o agraciou com a ordem do Merito, e apesar dos protestos do professor bavaro Pettenkofer e da sua escola contra o bacilo virgula, o Reichtag votou uma recompensa nacional a Kock e aos homens que o tinham acompanhado ás margens do Nilo, e em 1885 apesar das coleras dos sabios de todo o estado maior da sciencia allemã, Kock apenas com 42 annos de idade, foi nomeado professor de hygiene da Universidade de Berlim.

Aqui tem os traços principaes da vida trabalhosa e gloriosa d'esse sabio illustre em quem toda a gente hoje falla, de que todo o mundo se occupa e que parece destinado a ser a gloria mais triumphante do seculo XIX.

* * *

Novidades theatraes houve poucas durante estes dez dias.

Em D. Maria uma comedia allemãa, *Os Penedos do Inferno*, acommodada á scena portugueza pelo nosso prezado collega e illustre escriptor dramatico o sr. Moura Cabral.

Incommodos de saude não nos permittiram ver ainda esta peca, que nos dizem ter muita graça e um engraçadissimo desempenho, que conseguiram inutilisar uma pequena *cabala* que segundo narraram os jornaes, se formára contra a peça na primeira noite.

Em S. Carlos houve depois do grande *successo* da *Lucrezia*, um fiasco medonho—o da *Linda de Chamounix*.

Para cantar esta opera a empreza contratára uma artista que ha 20 annos tivera grandes triumphos em S. Carlos—a sr.ª Laura Harris.

Vinte annos porém não passam de balde por uma cantora, e a sr.ª Harris depois de saber o que era um *successo* em S. Carlos, ficou sabendo o que era um *insuccesso*.

O borytono Menotti e o baixo Ercolani cantaram e representaram excellentemente os seus papeis, e salvaram-se honrosamente, no meio da catastrophe, que atirou com a opera de Donizeti para o fundo do archivo, e com o maestro Bach que a regia, para a sua terra—Bercelona.

Este maestro foi d'uma infelicidade deveras pasmosa em Lisboa, tanto menos comprehensivel quanto muita gente affirma ser elle muito entendido na sua arte e um musico muito erudito.

Não sabemos o que elle é, o que sabemos é que em todas as operas que regeu em S. Carlos este anno foi muito infeliz, morrendo todas ellas logo á nascença por falta de colorido, de vida, e de brilho no seu desempenho.

Foi elle tambem quem regeu os *Pescadores de Perolas* antes e que foram egualmente por agua abaixo, não conseguindo salval-as do *fiasco* a prima dona Brambilla, que n'ellas fez prova d'uma lindissima voz, cantando magistralmente a aria final no 1.º acto que lhe valeu uma estrondosa ovação.

Na *Linda* o publico manifestou-se hostil e abertamente contra o regente da opera, e o maestro Bach entendeu e muito bem, que depois d'essa manifestação devia retirar-se de Lisboa, e apresentou a sua demissão á empreza.

Em ensaios estão o *Rei de Lahore* e a *Norma*. Fallaremos na proxima chronica.

*Gervasio Lobato.*

---

## VILHENA BARBOZA

Como se nos entristece a alma ao vermos partir para a ultima jornada, para esse mundo d'onde não vem novas, tantos e tantos amigos que encontrámos ao entrar nas lides da vida, que nos foram guia, animação, estimolo, que conviveram com nosco na mais dedicada cooperação de trabalho.

Foi na redacção do *Archivo Pittoresco* essa preciosa publicação litteraria de tão boa memoria, que conhecemas Vilhena Barboza, e com elle tantos outros escriptores destinctos que colloboravam no famoso semanario, onde nós fazia-mos a nossa estreia na arte exebindo os nossos primeiros trabalhos de gravura ha trinta e um annos.

Ali conhecemos Silva Tullio, Ozorio de Vasconcellos, José de Torres, Antonio Feleciano de Castilho, Rebello da Silva, Andrade Ferreira, que to-

dos de ha muito precederam Vilhena Barboza na partida para a Eternidade, onde tambem já se lhes juntou Vicente Jorge de Castro, um dos proprietarios do *Archivo Pittoresco*.

E' pois, n'uma extensa fila de tumulos que vão pouzar as recordações da nossa mocidade, da nossa infancia da arte, que tambem nos recorda o nosso mestre Nogueira da Silva, que de ha muito tambem a morte prematura arrebatou, e cujos trabalhos tanto brilharam no *Archivo Pittoresco*.

Como nos não hade intrestecer a alma ao vermos assim desfilar para a Eternidade aquelles que conhecemos cheios de vida, trabalhando e animando-nos a trabalhar tambem.

E Vilhena Barboza foi dos que mais se nos afeiçoaram, dos que mais animaram as nossas debeis forças na difficil arte que nos propozemos cultivar, e essas palavras animadoras que guardámos em nosso coração como a mais grata recompensa de nossos pobres esforços, mais se nos avivam n'este momento, em que o coração que as ditou bom e amigo já não vive e não nol'as poderá repetir nas conversas remomorativas do que passou.

Ainda não ha muitos tempos Vilhena Barboza conversava comnosco sobre uma edição de um novo livro, que seria um segundo volume dos *Monumentos de Portugal* dado á estampa em 1886, e nos convidava muito amavelmente para lhe fazermos algumas gravuras para esse livro.

Então elogiava os nossos modestos trabalhos e a sua fronte animava-se extraordinariamente ao recordar-se do *Archivo Pittoresco*, do muito que aquelle periodico tinha concorrido para o desenvolvimento da gravura no nosso paiz, e felicitava-nos pela publicação do *Occidente*, pela sua feição nacional, que elle sobre tudo apreciava como amante que era das artes do seu paiz.

E esse amor que elle tinha ás artes portuguezas, não eram simples palavras protectoras que não se traduzissem em factos, e n'isto nos ajuda o sr. Pinheiro Chagas, quando diz na biographia que precede o livro de Vilhena Barboza *Monumentos de Portugal*: «Herculano procurava, juntamente com a popularisação da historia, com a publicação de verdadeiros primores litterarios fundar em Portugal a arte da gravura em madeira, Castilho reservava unicamente a sua *Revista* para as sciencias e para as letras, o sr. Vilhena Barboza no seu *Universo Pitoresco*, onde a historia e a geographia tinham um logar proeminente, abria as suas portas á lithographia.»

E assim é, o *Universo Pittoresco*, fundado por Vilhena Barboza, foi a publicação portugueza que mais fez brilhar a litographia em Portugal.

Fôra para isso contratado um eximio lithographo francez, Mr. Legran, que reproduzia na pedra com enexcedivel prefeição os desenhos que Scopeta, um desenhador italiano que Vilhena Barboza aproveitara habilmente, dezenhava do natural.

Assim fundava Vilhena Barboza, em Portugal a lithographia artistica, indo buscar fóra, por não os haver no paiz, os elementos com que havia de criar na sua terra aquella genero de trabalhos.

E no seu culto pela arte e pela historia, investigando sempre, alegrando se por cada descoberta que fazia de um docomento antigo envolvido no pó dos archivos, de uma inscripção remota, de uma tradição oral que o illucidasse sobre a historia de qualquer monumento do paiz, atravessou uma existencia trabalhosa, na faina do saber, sem nunca se dar por saciado, sem nunca cançar, sem mesmo se importar com os proventos materiaes que d'ahi lhe adviriam.

E' ainda o sr. Pinheiro Chagas que vem em nosso auxilio, confirmando, na biographia a que já nos referimos, com as seguintes palavras:

«Aos 74 annos [1] o sr. Vilhena Barboza trabalha como se tivesse vinte. E' a idade em que descançam os que não trabalharam nunca. Se o sr. Vilhena Barboza tivesse gasto, como tantos outros, ao serviço do Estado, umas poucas de mangas de alpaca, se tivesse passado trinta annos da sua vida na improba tarefa de escrever tres officios por dia, aos cincoenta annos já estaria de tal modo fatigado e exhausto que iria pedir ao Estado a justa recompensa dos seus pesados serviços, e um pedaço de pão para a sua velhice, já que a sua mocidade e a sua idade viril as consumira em serviço do seu paiz. Como porém o sr. Vilhena Barboza tem passado a sua vida toda a trabalhar sem descanço, n'uma labutação continua de investigações difficeis, aos 74 annos está fresco e lepido pondo a ultima demão nas obras já executadas, e delineando outras para executar.»

Mas não podia ser indifferente á vida do illustre antiquario o labutar insessante nos seus estudos historicos, e por isso ha cerca de um anno a sua saude principiou a resentir-se fortemente e a não lhe permettir o trabalho aturado, até impedir-lh'o de todo.

[1] Escrevia em 1885.

A morte de Vilhena Barboza é uma perda irreparavel, porque, com elle morreu o homem que mais sabia, talvez, da historia patria.

Que o digam os seus livros: *Exemplos de Virtudes civicas e domesticas*, esse formozo espelho do passado onde se retratam tantos feitos heroicos de nossos maiores, collegidos na historia e expostos pelo auctor n'um feixe de paginas, na linguagem sã e vernacula dos nossos melhores classicos, para estimulo e exemplo da mocidade; *Estudos Historicos e Archiologicos* em que a seriedade e a consciencia das suas investigações lhe deram tanta auctoridade sobre o assumpto, que difficilmente se poderá exceder, ampliar o que elle tenha dito sobre a historia d'este ou d'aquelle monumento ou logar, dum ou outro facto historico por elle estudados.

E que haverá sobre esta boa terra de Portugal, de que Vilhena Barboza não desse noticia?

Não o julguem aquelles que só o conheciam pelos seus livros, mas os que o conheciam pela sua conversação.

Era um enlevo ouvil-o dissertar sobre qualquer ponto historico que viesse á conversa. Vilhena Barboza parecia então um illuminado, a sua fronte se abria aberta n,um surriso de bondade, animava-se mais e mais d'essa luz que inspirava Santo Agostinho, e na mais singela linguagem simples e fluente, natural, despretenciosa elle contava o muito que sabia, e fazia passar por diante dos ouvintes pedaços de historia como se se estivesse lendo em livro aberto.

Um thesouro de saber! Um prodigio de memoria!

* * *

Ignacio de Vilhena Barboza nasceu em Lisboa a 31 de julho de 1811, tendo fallecido, portanto, com 79 annos completos. Inclinado á vida monastica assim dirigio os seus primeiros estudos preparatorios no collegio de S. Vicente de Fóra, tomando em 1828 o habito de noviço da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, no Convento do Beato Antonio.

Os acontecimentos de 1834 arrancaram-no ao clustro e aos seus estudos theologicos e historicos, que logo ali iniciara repastando-se com prazer na livraria do convento, onde a leitura das chronicas e dos classicos lhe aguçaram o seu espirito investigador.

Não tendo chegado a tomar ardens maiores, nem porisso perdeu o jeito mistico e grave dos poucos annos que viveu no mosteiro; e talvez mais por indole do que por habito adquirido, conservou sempre o ar grave e composto que tão bem se lhe casava com a bondade inata do seu coração, com a serinidade do seu espirito impertubavel.

Os conhecimentos que adquirira nos seus estudos e leitura, não cahiram em terra safara que esterilisase a semente, e cinco annos depois de abandonar o claustro, em 1839, Vilhena Barboza publicava o seu *Universo Pittoresco*, publicação notavel para a epoca, e em que a par das bellas estampas lithographadas de monumentos e logares celebres de Portugal, escrevia a sua historia consciencioşamente investigada e lucidamente exposta.

Durou seis annos esta preciosa publicação, que não enriqueceu o seu editor, e antes lhe serciou os haveres, como Vilhena Barboza nos confessou por vezes.

Deixando de fazer obra por conta propria, Vilhena Barboza passou a collaborar nas folhas litterarias que foram apparecendo, e assim encontramos escriptos seus no *Panorama* (segunda serie), na *Illustração Luso-Brazileira*, no *Archivo Pittoresco*, no *Ramalhete do Christão*, no *Mosaico*, nas *Artes e Lettras* e por ultimo no *Occidente*.

Na folha politica, *O Commercio do Porto*, tambem se encontram muitos artigos seus, pois era correspondente litterario d'este jornal, assim como na *União* e outros jornaes onde collaborou com mais ou menos effectividade.

O *Heraldo* periodico publicado em Hespanha e de que foi redactor principal Martinez de la Roza, tambem inseriu escriptos de Vilhena Barboza.

De 1848 a 1850 foi redactor do *Diario do Governo*, unica commissão remonerada que teve do Estado.

Alem dos seus escriptos sobre historia patria que fazem o assumpto dos seus livros e se acham dessiminados pelas publicações litterarias que acabamos de citar, ha um resumo da *Historia da Turquia* de Lamartini, publicado no *Panorama*, quando se feria a guerra do Oriente, que é um trabalho de primeira ordem, que mais affirmou a grande aptidão do seu auctor para estes estudos.

Mais modernamente foi no *Archivo Pittoresco* que Vilhena Barboza mais popularisou o seu nome, pela collaboração assidua que teve n'aquelle periodico, de que por ultimo era o redactor principal, succedendo a Silva Tullio.

No espolio litterario de Vilhena Barboza encontramos ainda, alem dos livros já citados, *As Cidades e Villas da monarchia portugueza, que teem brazão d'armas*, tres volumes com os desenhos das armas de cada cidade e villa e a competente descripção.

Os trabalhos litterarios de Vilhena Barboza não são dos que se avaliam pela quantidade senão pela qualidade, e é sob este ponto de vista que a sua bagagem é enorme para quem sabe avaliar o que esses trabalhos representam em tempo consumido em estudo, investigações, pesquisas, para achar um documento que se suppõe que existe, mas que não se sabe onde, para verificar uma data, que muitas vezes obriga a revolver livros e maços de manuscriptos que amedrontam os mais pacientes, em compulsar documentos e descobrir a sua ligação com determinados factos, e tudo isto constitue um tão grande trabalho, que na geração presente não se encontra quem metta hombros a estas reconstrucções do passado, com que de resto a nossa geração pouco se mostra importar.

Foi este importante trabalho de toda a sua vida que abriu a Vilhena Barboza as portas da Academia Real das Sciencias em 1863 como seu socio correspondente, sendo eleito socio effectivo em 1875.

E' depois d'esta data que a mesma Academia o elege inspector da sua bibliotheca e n'este cargo o reconduziu em annos successivos, até o elevar á alta dignidade de seu vice-presidente, em 1886, tendo ja sido presidente da 2.ª classe em 1885.

São ainda os seus importantes trabalhos historicos e archiologicos, que o indicaram em 1881 para collecciónar obras d'arte portugueza para figurarem na exposição de Kensington em Londres e ainda, para um anno depois, cooperar valiosamente na grande exposição d'arte ornamental que se realisou no Museu Nacional de Bellas Artes, ás Janellas Verdes.

Na organisação d'esta exposição houveram dois homens, principalmente, que foram d'uma actividade incançavel, que trabalharam de alma e coração para o extraordinario exito d'aquella reunião de tantas preciosidades que nos encheram de orgulho, foram Augusto Filippe Simões e Vilhena Barbosa.

Ambos descançam já em paz.

*Caetano Alberto.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### GUILHERME III, REI DA HOLLANDA

No dia 23 de novembro, uma proclamação assignada pelo governo da Hollanda, annunciou ao povo hollandez e ao mundo, a morte do rei Guilherme III, que durante quarenta e um annos presediu aos destinos d'aquelle paiz.

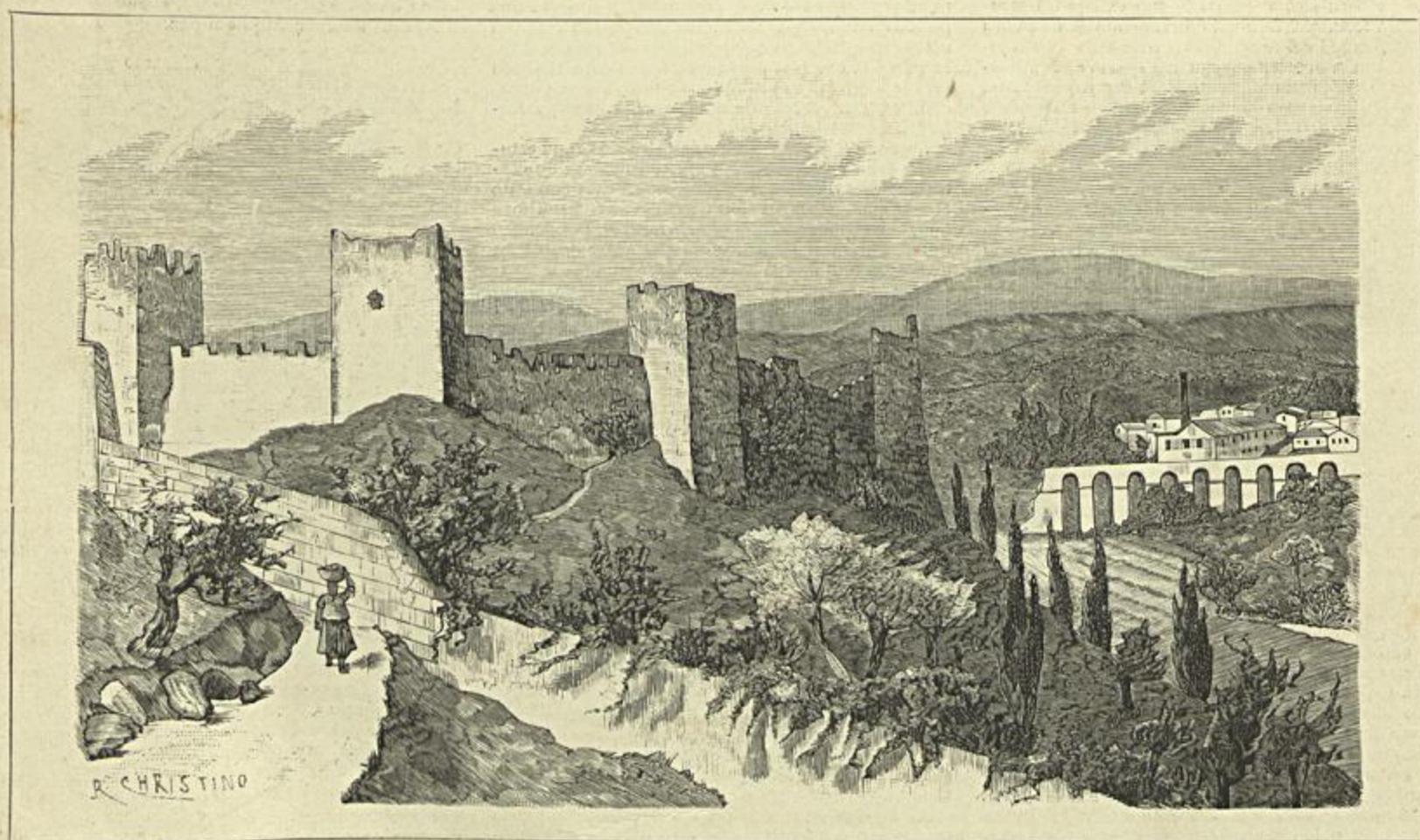
De ha muito que era esperado este desenlace fatal, que já o anno passado esteve prestes a realisar-se. Por essa occasião a vida do rei Guilherme correu tal perigo, que o governo julgou conviniente uma regencia, para a qual foi nomeada pelo conselho de estado, a rainha Emma, esposa do rei Guilherme e mãe da princeza Guilhermina herdeira prosumptiva do throno da Hollanda.

D'aquella vez, porém, ainda a saude do rei poude resistir aos ataques da doença, melhorando consideravelmente, a ponto de assumir de novo a governação do seu paiz.

Ha pouco mais de dois mezes, porém, a doença voltou e taes progressos fez, que Guilherme III foi pouco a pouco perdendo toda a acção physica e moral, e a morte aproximou se d'elle rapidamente até de tudo o anniquilar no tumulo.

O perigo foi previsto e os medicos declararam que o estado do enfermo não permettia o elle occupar-se dos negocios do estado, resolvendo-se novamente nomear a rainha Emma regente da Hollanda.

Guilherme III rei da Hollanda nasceu em 1817 e era filho do rei Guilherme II e da rainha Anna Paula, princeza da Russia.

S. M. GUILHERME III, REI DA HOLLANDA — Fallecido em 23 de Novembro de 1890

CASTELLO DE TORRES NOVAS

Desenho do natural por J. R. Christino)

Desde 1849 que occupava o throno da Hollanda ao qual subiu por morte de seu pae.

Casado com a princeza Sophia de Wustemburg, que falleceu em 1879, casou em segundas nupcias com a princeza Emma, filha do principe Jorge Victor de Waldeck e Pyrmont, de cujo casamento nasceu a princeza Guilhermina em 1880, pelo que apenas conta actualmente dez annos de idade.

O reinado do rei Guilherme III foi para o seu paiz um reinado de prosperidades, mesmo atravez de todas as vissicitudes que atravessou, como nação pequena que é no meio das potencias ambiciosas que, como a Allemanha tanto lhe cobiça a annexação.

A Hollanda, porém, melhor avisada que Portugal, tem sabido armar-se por mar e terra o sufficiente para conter em respeito essas ambições, que se um dia pozerem em pratica os seus planos, encontrarão a par da resistencia moral dos hollandezes a resistencia material das suas armas.

O rei Guilherme poude morrer em paz, conscio de ter cumprido um dever sagrado, o de ter corrido para a defeza e garantia da authonomia do seu paiz e integridade das suas colonias.

Foi o rei Guilherme tambem muito dedicado ás artes, e a musica seria a sua maior paixão se não tivesse uma outra paixão, tanto ou mais pronunciada do que aquella, a paixão pelo bello sexo.

As suas aventuras amorosas alcançaram tanta fama como os concertos que dava no seu palacio, e d'umas e d'outros se contam maravilhas.

A sua segunda esposa uma jovem princesa que se enamorou do rei Guilherme quando elle já descia, por assim dizer no occaso da vida, ainda teve que lhe perdoar muitas faltas, o que o velho rei lhe agradeceu nos ultimos tempos da sua existencia.

A rainha Emma foi sempre para seu esposo de uma dedicação extrema, dedicação que conservou até aos ultimos momentos da vida do rei.

Esta dedicação de esposa e de mãe, attraiu, por sem duvida, sobre a rainha as sympathias do seu povo, que recebeu bem a sua regencia.

O governo, porém, considerando quanto é melindrosa a situação da Hollanda, para a manutenção da sua authonomia, resolveu que a corôa gran-ducal passe ao duque Nassau cuja experiencia dos negocios publicos é uma garantia para os interesses da Hollanda.

A princeza Guilhermina, pelo que se diz na imprensa estrangeira, é uma creança fraca e que não offerece grandes garantias de vida, e isto mesmo anima os planos da Allemanha de, n'um periodo não muito remoto, poder annexar a si o paiz da Hollanda.

## CASTELLO DE TORRES NOVAS

Se pretendessemos fazer aqui a historia d'este castello desde a sua origem, teriamos que remontar a épocas anteriores á era de Christo em que nos perdermos em conjecturas sem encontrarmos nada escripto sobre a sua fundação, tendo unicamente de nos guiarmos pelas supposições de alguns antiquarios que pertendem fazer remontar a fundação do povoado, hoje villa de Torres Novas e suas fortificações a mil trezentos e sessenta e quatro annos antes de Christo.

Deixemos, pois, este labyrintho, deixemos mesmo a opinião dos que suppõem que esta povoação já existia ao tempo dos Carthaginezes, e limite-m'o-nos a consideral-a fundação dos romanos de que ainda ella conserva vestigios.

Occupando-nos exclusivamente do castello que faz o assumpto da nossa gravura, diremos que é dos mais famosos que o passado nos legou.

Construcção vastissima mostra bem a importancia militar que teve, tanto no tempo dos romanos, como depois na monarchia portugueza.

Conservado pelos arabes em 716 quando invadiram a Lusitania, estes o reedificaram e ampliaram com varias torres, e assim passou para o poder dos portuguezes em 1148 conquistado pelo fundador da monarchia.

Por 1185 pozeram os mouros cerco a Torres Novas, com um poderoso exercito a que não houve resistir, e arrasaram a famosa fortificação assim como toda a villa.

D. Affonso Henriques breve se desforrou d'esta victoria dos mouros e mandou reconstruir o castello, que tornou a ser destruido por estes em 1191.

Foi então resgatado pelo Infante D. Affonso, filho do rei D. Sancho I, o qual mandou novamente reconstruir as fortificações e promoveu a povoação de villa.

O castello meio arruinado que hoje se vê, é, pois, uma construcção do reinado de D. Sancho I, levantada sobre as ruinas das antigas fortificações, tantas vezes destruidas e outras tantas reedificadas.

## AMAZONAS. CACHOEIRA DE THEOTONIO NO ALTO RIO MADEIRA

A vista que hoje apresentamos é da celebre cachoeira de Theotonio do alto rio Madeira, distante 4 horas de viagem do logar Santo Antonio, de que já demos uma gravura em o n.º 383, e 378 outra.

Entre as cachoeiras do rio Madeira é esta a mais perigosa e mais pittoresca.

Em tempo algum offerece passagem a barcos, que são arrastados por terra, como se vê da gravura, até ao cume da montanha e d'ali descem para o lado opposto, por meio de talhas e roletes de madeira dispostos convenientemente no caminho.

Em tempo de meias aguas, é quando esta cachoeira offerece um panorama encantador, porque se disfructam as aguas cahirem de um assude para o outro e despenharem-se em turbilhão no leito inferior do rio, revolvendo-se entre os penedos, com extraordinario ruido. Em tempo secco pouca agua corre por ella, e no de cheia apenas se vê uma pequena saliencia porque as aguas se nivellam.

O nome de Theotonio provem-lhe de haver aqui morado o dr. Theotonio de Gusmão, irmão do celebre Gusmão do aereostato dirigivel, que havendo sido nomeado juiz de fóra da capitania da provincia de Matto Grosso, ao seguir do Pará para o seu destino, passou por ali, e reconhecendo a necessidade de um estabelecimento de viveres para mantimento dos passageiros, resolveu-se a deixar a sua collocação para ficar ali, e assim escreveu para Lisboa a sua familia participando-lhe sua resolução e convidando-a a vir acompanhal-o dizendo-lhe que o logar era em *paraizo*.

A familia foi effectivamente, transformando-se

AMAZONAS — CACHOEIRA DE THEOTONIO, NO ALTO RIO MADEIRA

(Segundo um *croquis* do sr. B. M. Costa e Silva)

elle de lettrado em negociante, em agosto de 1758, levando comsigo, além da familia, mais uns tantos colonos, e denominando o logar *Nossa Senhora da Boa Viagem*.

Elle pouco depois falleceu ali.

O sitio além de agreste e pedragoso é sezonatico, esteril e avisinhado de selvagens, que ainda hoje ali fazem das suas, o que faria então quando eram raros os viajantes.

Da colonia não ha vestigios; do nome falla apenas a historia, e do que existiu ali, não contavam certamente os avós aos filhos ou aos netos, porque os viajantes de hoje negociantes de Matto Grosso e bolivianos que se vão sortir de mercadorias ao Pará, que constantemente descem e sobem e que param ali para descarregar suas canôas (porque de Santo Antonio para cima não é possivel, pelas cachoeiras, a continuação de navegação a vapor), finalmente estes negociantes que páram ali para descançar, fazem transportar aos lados oppostos da cachoeira suas cargas ás costas de indios tripulantes, e todos ignoram que ali existio uma colonia e o motivo do nome da cachoeira, como de outras que o marquez de Pombal tambem tinha mandado colonisar para auxilio dos navegantes, de que hoje não existem indicios nos logares. Que de privações e fadigas ali passaria Theotonio, e, fallecido elle, a familia, ameaçada por selvagens, sendo então tão falto de navegantes aquelle rio.

Restou-lhe a gloria de ter soccorrido os caminhantes.

Não existem vestigios de sua sepultura.

A queda da agua regula por 25 metros, e por este logar passou toda a artilheria com que os portuguezes guarneceram o forte do *Principe da Beira*.

## O DR. KOCK

Na nossa chronica de hoje encontrará o leitor as principaes notas biographicas do celebre medico que está sendo actualmente o assumpto do mundo inteiro, e por isso limitamo-nos a contar aqui resumidamente, o trabalho colossal que teve o celebre bactereologista para chegar a esse brilhante resultado, que constitue seguramente a maior conquista scientifica do nosso seculo.

Ha muito tempo que a sciencia moderna presentira por um prodigio de adivinhação, que um d'esses parasitas infinitamente pequenos, que o microscopio tem posto a nú, era a unica causa da tuberculose, este verdadeiro flagello do genero humano, que dia a dia faz no mundo inteiro milhares de victimas.

Restava porém o mais difficil, aquillo que parecia impossivel: ver o invisivel, luctar com um intangivel. O microscopio longe de diminuir a difficuldade parecia que a augmentava, porque tornava quasi impossivel reconhecer o terrivel bacillo, entre as legiões de microbios, que pullulam na atmosphera e no organismo humano.

O que fez Kock?

Agarra na expectoração de um tysico, e mergulha-a n'uma solução alcoolica de methylena, que é a colore d'azul. A vesuvina dissolvida na agua, tem a propriedade de eliminar o azul da methylena. Submettido á acção da vesuvina, o liquido observado, como tambem as materias organicas e os bacillos de toda a especie que n'ella estão em suspensão, tornam-se pardos, excepto o bacillos da tuberculose, que se conserva azul. É por este signal caracteristico, que Kock o distingue, e a partir d'este momento em que lhe deu um uniforme, torna-se possivel seguir de perto todos os seus movimentos, toda a sua vida.

Feito isto tratava-se de domesticar a fera, obter do bacillo que elle se preste ás varias experiencias. Para operar com segurança é indispensavel separal-o de seus companheiros, cuja presença comprometteria todas as pesquizas. Para isso foi preciso arranjar um caldo, gelatina ou sorum de sangue, *culturas* em estado de perfeita pureza, onde o bacillo da tuberculose podesse reproduzir-se e multiplicar-se sem se confundir com os outros bacillos. Kock preferio as substancias ao mesmo tempo meio solidas e transparentes em que o microbio pode viver e multiplicar-se á vista do observador, sem ir confundir-se com as colonias visinhas. Desde que Kock alcançou o isolamento completo com rigorosa exactidão, começou as experiencias. Se um bacillo arrancado da expectoração de um tysico é injectado no organismo de um coelho, por exemplo, e o coelho entysica logo em seguida, está feita a demonstração, está achado o bacillo da tuberculose. Mas não é tudo ainda. Não basta conhecer o inimigo, é preciso descubrir o meio de o destruir ou de o inutilisar.

É facil á chimica destruir ou inutil sar um bacillo fechado n'um vidro, mas quando se trata de o ir matar á sua casa, isto é, na carne ou nos pulmões do homem, o poder dos infinitamente pequenos, acha-se de novo no seu terreno, e foge ás armas da sciencia. Kock, o grande luctador, parece ter renunciado a exterminar o bacillo da tuberculose. Em vez de o atacar de frente, trata de lhe cortar os mantimentos, operando sobre os tecidos do doente, e a prova é que o remedio inventado pelo illustre sabio, deixa viver os bacillos, e apenas faz sentir a sua acção, nos tecidos em que elle se aloja. A formula do mysterioso licor que serve para as experiencias de Berlim, é ainda desconhecida. Affirma-se que contem um composto de oiro e se assim é, será o primeiro serviço que esse metal, que tanto mal tem feito, preste á humanidade.

---

## OS MEUS LIVROS

### VII

Temos descurado um pouco esta secção, porque os trabalhos sobre o *Tratado anglo-luso*, a *Expedição ao Muotiánvua* e *O general Gomes Freire* tem-nos tomado todo o tempo.

E comtudo todos estes nossos estudos se prendem ao mesmo ideal — a guerra ao inglez!

— Sempre que a Inglaterra nos fere, vem immediatamente aos labios o nome do martyr que o inglez assassinou — *Gomes Freire!*

— A Inglaterra calumnia-nos perante a Europa, fazendo estendal da nossa falta de aptidão colonisadora, e nós respondemos-lhe com a notobilissima *Expedição portugueza ao Muatiánvua*.

— E, para que ficasse bem patente quão traiçoeiro e baixo é o inglez, fizemos a historia do convenio ou *Tratado anglo-luso*.

Por isso dizemos que todos estes assumptos se dirigem ao mesmo alvo que tinhamos em vista: — desmascarar o inglez.

*
* *

Passemos agora a tratar dos livros que alguns homens de lettras se dignaram offerecer-nos.

Dêmos o logar de honra a um hospede, um francez, Maxime Formont:

*Les refuges*, de Formont, é um livro de versos prefaciado por Sully Prudhomme, membro da Academia Franceza.

É encantadora de simplicidade a carta de Sully Prudhomme a Maxime Formont: «Acabava de ler, » já, muitos versos, quando me enviou com uma » modesta falta de confiança em si, as provas do » seu volume *Les Refuges*. Receei tambem em » seguida não poder dar-lhe a attenção precisa. » Em breve, porém, me dominou o seu trabalho; » é o privilegio das obras notaveis — reavivar a » curiosidade. Confesso-lhe que ao começar a » leitura, senti como que o proposito firme de a » abandonar, se lhe não encontrasse immediata» mente o prazer completo que dá a um rhyma» dor de profissão os versos bem feitos; assim, li » toda a obra de um folego.

«Mas não foi só o seu talento que me prendeu; » não me tocou menos o genero da inspiração. » Não é vulgar uma estreia como a sua, em versos » impessoaes, isto é, poesias em que o auctor não » falla de si. Vejo que não tira dos acontecimentos » proprios os assumptos de que trata, arranca-os » das condições geraes da vida humana, da histo» ria ou da lenda. É um penhor do mais requinta» do culto á Musa.

« Dedica-me, o meu caro confrade, e d'isso me » orgulho, o primeiro trabalho animador de uma » melancholica mas nobre philosophia do amor; » mas é a Leconte de Lisle que dedicou o primei» ro dos contos heroicos. E devia-lhe bem esta » homenagem, porque elle é, se me não engano, o » seu mestre mais querido. Porque imita, perfilha » e segue rapido o altivo pudor d'esta alma velada » que para as feridas proprias regeita a compai» xão vulgar, mas que soffre pela dôr antiga e uni» versal recalcando virilmente um amargurado » suspiro, emquanto que a belleza impassivel da » terra e do ceu se revê n'ella integralmente, co» mo n'um mar profundo e sombrio. São versos de » moço e, sem poderem pretender o sazonamento » dos d'elle, desprezam os ornamentos parasitas » aspirando á plenitude do fructo succulento e co» lorido. Mas eu não quero de nenhum modo di» zer que o talento do meu caro confrade deva » tudo a este modêlo severo; por isso que é preci» samente a expansão propria que produz a suave » harmonia dos seus poemas. Qual será, junto do » publico, a sua sorte, não posso eu dizel-o com » segurança: a elevação e a gravidade que os ca» racterisam não são rigorosamente, hoje, entre » nós garantia de successo para uma obra littera» ria; mas o seu ideal está, incontestavelmente, a » salvo do desdem publico.»

Os versos a que Sully Prudhomme se refere e que lhe são dedicados intitulam-se *L'amour sublime* (pag. 35 a 43) é de um bello descriptivo toda esta poesia de Maxime Formont; mas preferimos *Samson captif*, *Jamais plus*, *Sur la colline de ****, e *Songe du temps passe*. A primeira d'estas poesias—Samsão captivo—é uma das melhores e que mais nos impressionou. O auctor dos *Refuges* descreve Samsão saindo do carcere, e sendo levado a uma orgia, onde os philisteus queriam gosar da sua impotencia fazendo-o dançar. A breve trecho Samsão finge cançar e pede que o deixem repousar junto das columnas de ouro que sustentam o edificio onde fremia a bachanal. O grande hercules estava cego, foi conduzido ás columnas de ouro como pedira...

Eis agora como Maximine Formont descreve a scena da *Escriptura sagrada;*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Tranquille, un chapiteau lui servant de chevet,*
*Lui même il paraissait comme une autre colonne;*
*Il priait en silence, on croyait qu'il rêvait.*

*Il n'est plus qu'un désir puissant qui l'aiguillonne:*
*«Faites que je périsse avec les Philistins,*
*Seigneur, et je suis prêt à trouver la mort bonne»*

*Et Dieu lui répond oui du fond des cieux lointains.*
*Il tend les bras, saisit deux colonnes; la foule*
*Hurle sous les débris des pilastres hautains.*

*Et la cariatide avec le toit s'écroule.*

Por esta simples transcripção pode o leitor avaliar o bello talento de Maxime Formont.

Lamentamos que a falta de espaço nos não permitta accrescentar mais do que o nosso profundo reconhecimento á *temoignage de cordiale sympathie* da benevolente e generosa offerta de Maxime Formont, o francez que tanto nos tem honrado no estrangeiro.

*
* *

Agora um bello discurso, linguagem vernacula, de Joaquim de Araujo, o academico amigo de Formont.

*Sobre o tumulo de Camillo* intitula Joaquim de Araujo o seu discurso proferido nos funeraes do eminente romancista Camillo Castello Branco.

Ha paginas de bronze n'este immorredouro trabalho.

«Do mesmo modo que nos *Luziadas* se fixaram » heroicamente os estadios do Portugal antigo, » nos livros de Camillo fica, como n'um alto rele» vo, a pittoresca representação viva e typica da » nossa moderna existencia social. Póde-se abrir » mão dos thesouros de pensamento, de elocução » e de fórma, que essa vasta obra compendia; tor» na-se desnecessaria metter em linha de conta » observações tão penetrantes como Balzac ins» culpiu na sua galeria, ironias tão poderosas co» mo Heine as soltou entre lagrimas represas, » analyses tão profundas como Stendhal e Flau» bert poderiam erguer, reconstrucções historicas » tão opulentas como Walter Scott ou Raul La» croix as fundiriam... É que abstraindo de todas » essas vivas qualidades excepcionaes, ainda nos » fica a mais firme de entre todas—, o lado nacio» nal da obra de Camillo.»

Este trecho demonstra a altesa da obra de Joaquim de Araujo, embora o animasse na sua alma de poeta o reflexo scintillante do velho romancista do *Bem e o Mal*.

A Joaquim de Araujo agradecemos a offerta de um dos exemplares numerados da edição — fóra do mercado — das palavras pronunciadas nos funeraes do eminente escriptor « *Sobre o tumulo de Camillo.*»

*
* *

Sobre a nossa banca de trabalho tambem se acha, retardada, uma poesia do delicado poeta Luiz Ozorio, que tanto encantou a *elite* da população de Lisboa, durante as festas do centenario do marquez de Pombal.

*Um grito*, se intitulam os versos de Luiz Osorio, dedicados á juventude das escolas portuguezas.

O poeta entende que devemos resistir á expoliação do cobarde inglez, e entre versos magnificos de tonalidade e retumbantes de coragem patriotica, diz:

*Pois bem: cumpre morrer com dignidade e orgulho*
*Soberbos de altivez, na derradeira instancia!*
*Que nos vêjam surrindo, ao remover o entulho*

*Como aquelles heroes lendarios da Numancia!*
*Ou como a sentinella heroica de Pompeia,*
*Vendo a lava a galgar em turgida maré,*
*E aguardando no posto o mar que a incendeia,*
*Morrer, ficando de pé!*

Preside incontestavelmente ao sentimento que inspira taes versos uma grande nobreza de coração, que só tem logar nos espiritos superiores e nos caracteres impolutos.

Agradecemos a Luiz Osorio a homenagem immerecida da offerta dos seus versos a quem mais póde admiral-os do que aprecial-os.

*
* *

No proximo numero trataremos de uma obra do sr. Carlos de Mello, *A questão ingleza*, em que s. ex.ª publica valiosos subsidios para a historia critica do valor do ultimo tratado com a *honrada* Inglaterra, publicação que se refere em termos muito justos, por honrosos, ao nosso amigo Victor Cordon.

*Manoel Barradas.*

## A COMEDIA DA VIDA

### O ROMANCE D'UM AMANUENSE

### XXV

O Quim e a Emilinhas estavam assombrados com esse raio de nova especie, que inesperadamente lhes cahia em casa.

Elle olhava para ella, ella olhava para elle e ambos olhavam para a Alicesinha sem saberem o que fazer.

A Emilinhas foi a primeira a cortar o silencio, a lembrar um alvitre redemptor.

—O coração é um bom conselheiro disse ella a Alice, fizeste muito bem em o ouvir, mas é necessario ouvir tambem um bocadinho o bom senso, a rasão fria.

— Não quero ouvir nada frio, protestou logo a menina Alice.

— Ouve, digo-t'o eu. Tu amas o Quim, e o Quim ama-te.

O Quim ficou em braza com esta affirmativa de sua irmã e principiou por detraz da Alicesinha a fazer-lhe signaes.

A Emilinhas porém não fez caso d'esses signaes e proseguio:

— Vocês amam-se, mas é necessario que se amem sem terem que corar um do outro.

— Apoiado! Apoiado! approvou com toda a força dos seus pulmões o Quim.

— E por isso é necessario que tu voltes já para casa.

— Já, já, já, repetiu o Quim. É necessario que a ovelha recolha ao aprisco...

— Isso não póde ser, disse muito serenamente a Alice.

— Não póde ser porque? perguntaram ao mesmo tempo o Quim e a irmã.

— Não posso voltar ao aprisco, porque deixei lá uma carta para a mamã dizendo-lhe tudo que vinha fazer...

— Mas isso foi uma imprudencia imperdoavel! bradou o Quim indignado.

— Ella a estas horas já sabe tudo, deve estar furiosa comigo e se lá me apanha, vejo uma bruxa. Ella tem genio, tem a mão muito leve e não era a primeira vez que me assentava os dedos na cara...

— Ah! mas então se não é já a primeira vez não tem duvida, ponderou philosophicamente o Quim.

— Não tenhas medo, eu vou comtigo.

— Não quero, não quero, disse terminantemente a Alicesinha muito agarrada á sua idéa: eu vim para aqui porque amo o Quim e d'aqui não saio senão á força...

— Então vamos á força, resmungou o Quim muito mal humorado.

— E se me expulsáres de casa, meu Quim adorado, proseguiu a Alicesinha voltando-se para elle, e se me expulsares de casa eu deitar-me-hei á tua porta como um cão, seguir-te hei por toda a parte como um rafeiro e quanto tu mais me enxotares e mais me bateres mais eu te lamberei as mãos...

— Está doida varrida, é o que ella está! exclamou o Quim muito aborrecido.

— Doida sim, disse a Alicesinha ouvindo-o e pegando-lhe logo na palavra, doida sim, mas doida por ti, como dizia o grande Torcato no hospital dos alienados.

— Eu importa-me lá saber do que dizia o grande Torcato, sei lá quem é o Torcato.

— Torcato Tasso, o grande poeta da Jerusalem libertada, explicou a Alicesinha que segundo se vê tinha feito cuidadosamente os seus estudos para esta situação dramatica da sua vida.

E tomando attitudes romanticas declamou com espectaculosa emphase.

Doido sim, doido por ella,
Por ella, por mais ninguem,
Por ella que é a mais bella
Das damas que o mundo tem

— Isso não é comigo! interrompeu fulo o Quim.

— Então socega, socega, Alice, disse meio assustada a Emilinhas, que começava a ter medo da sua amiga e a convencer-se de que seu irmão tinha acertado, que ella não estava boa de cabeça...

— Estou socegada, mas estou resolvida disse Alice muito senhora de si, como quem estava inabalavel na sua resolução. Estou prompta a sahir d'aqui.

—Exactamente, exactamente, applaudiu o Quim.

— Mas só saio d'aqui... para a Igreja.

— Salvo seja! exclamou o Quim dando um salto.

— Mas ouve, menina, começou a dizer a Emilinhas muito convincente.

— Não ouço nada. Fugi de casa para casar com elle e heide casar...

— E a dar-lhe! murmurou o Quim. Forte mania!

Este dialogo que ameaçava prolongar-se indefinidamente foi interrompido pelo rodar rapido d'um trem que parou á porta.

Os dois, a Emilinha e o Quim correram á janella a vêr quem era.

A Alice ficou immovel no meio da casa, como quem era indifferente a tudo que podesse acontecer.

Os dois manos soltaram ao mesmo tempo um grito de espanto e de terror, e voltaram para dentro de casa espavoridos.

— É tua mãe! participou Emilinhas.

— Com dois homens, balbuciou o Quim...

— Que eu não conheço, accrescentou a Emilinhas.

— E que são mal encarados, observou o Quim.

— E agora? disseram ambos ao mesmo tempo.

— Agora, occultem-me, escondam-me, digam que eu não estou cá, aconselhou a Alice dispondo-se a fugir para o interior da casa

— Isso é que não! atalhou logo o Quim. Nada, que eu não me quero metter em trabalhos. Eu estou innocente e quem não deve não teme.

N'isto sentiu-se uma forte campainhada na porta.

— Não abra a porta, não abra a porta, gritou a Alice para dentro, para a criada. Diga que os senhores sahiram, que não está cá ninguem.

— Abra, abra, mandou o Quim, estamos todos em casa, ouviu? Estamos todos em casa e mande entrar para aqui.

A criada abriu a porta mas não teve o trabalho de dizer nada, nem que estavam nem que não estavam porque as pessoas que batiam irromperam logo pela porta dentro como tres furacões, pois, como a Emilinhas communicára, eram tres essas pessoas, a mãe da Alice e dois homens, senão mal encarados como o Quim observárá tomado de pavor, pelo menos com cara de poucos amigos.

*
* *

Não tentaremos sequer descrever a scena terrivel que se seguiu á entrada d'esses novos personagens na sala de visitas do Quim Barradas.

Os dois homens mal encarados eram; — um, o tutor da Alicesinha, o outro o administrador do bairro que era um homem muito lá de casa.

A presença d'estes dois cavalheiros denotava bem qual o fim da visita da mãe da Alicesinha.

Dando pela falta da sua filha em casa e achando no quarto em vez d'ella a carta que ella lhe deixára em que lhe communicava para onde ia e o que ia fazer, a mãe da Alice que não era nada atada, mandou logo buscar um trem e foi a casa do tutor de sua filha communicar-lhe o acontecido e aconselhar-se com elle. Em casa do tutor encontrou o administrador do bairro que fôra almoçar com elle — sopa que cahira no mel.

E logo todos tres resolveram em frente dos acontecimentos o que havia a fazer

A Alice era menor e por tanto o caminho a seguir era bem claro Pespegar com o seductor na cadeia e impôr lhe o dilemma terrivel, a faca aos peitos — casar ou Costa d'Africa.

O Quim ficou com os cabellos em pé em frente d'essa prespectiva, e ao ouvir fallar em cadeia e em costa d'Africa surgiu-lhe de repente dentro do coração um entranhado amor pela menina Alice.

— Caso com ella, caso com ella, disse elle terminantemente ao tutor de Alice, á mãe d'ella, ao administrador do bairro, e dil-o hia a toda a gente que o quizesse ouvir, ao mundo inteiro, caso com ella já hoje mesmo; ámanhã, depois, quando, os senhores quizerem. Caso com ella com tanto mais prazer quanto esse casamento é o mais doirado de todos os meus sonhos, é o ideal de toda a minha vida.

O tutor da Alice desfranziu o sobr'olho a esta declaração, o administrador do bairro apertou a mão á mãe da Alice felicitando-a por aquellas palavras que promettiam uma reparação evitando todo o escandalo e toda a despeza d'um processo, e a mãe da Alice apertando Quim em seus braços orvalhu-o com as primeiras lagrimas de sogra.

A Alicesinha nadava em alegria, estava triumphante. O seu plano dera o resultodo que ella calculára, finalmente ía casar, e ía casar breve muito breve, porque o seu tutor acabava n'esse mesmo momento de chamar de parte sua mãe e o Quim para tratarem d'essa questão, para combinarem o dia do casamento.

O Quim queria esperar a promoção lá nos seguros, mas o tutor da noiva não esteve pelos ajustes.

— Nada, disse elle, isto deve ser quanto antes...

— Mas, ia ponderar o Quim.

— Não ha mas nem meio mas... O senhor casa ou não casa?

— Caso, caso, ora essa!

— Pois muito bem então vamos já marcar o dia.

— Mas para pôr casa... para arranjar mobilia...

— O senhor não tem que pôr cousa nenhuma. O senhor tem casa sua, case e depois com o seu vagar ponha tudo que quizer.

— Porém...

— E se não lhe convém assim, vamos já para os tribunaes.

— Não senhor, vamos para a egreja, transigiu logo o Quim.

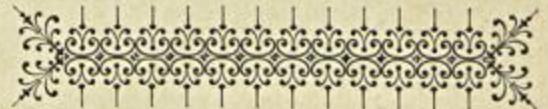
— Muito bem. Eu conheço muita gente no patriarchado e encarrego-me da fiança aos banhos e de hoje a quinze dias casamento.

O Quim fez uma careta.

— Ou então tribunaes.

— Casamento, casamento, disse logo o Quim.

E ficou portanto tratado para d'ali a 15 dias o auspicioso enlace do Quim Barradas com a Alicesinha, que estava radiante com a noticia e só o que a penalisava era que o casamento da lambisgoia da Ignaciasinha fosse oito dias antes. Mas em summa nem tudo póde ser á medida dos nossos desejos.

(Continua) *Gervasio Lobato.*

## REVISTA POLITICA

Bem dissemos nós ainda não ha muito n'este logar, que a respeito de ministerio extra-partidario não passava de um modo de dizer.

Os factos vão provando, embora contra a opinião de quem descordava do que dissemos, que a facção progressista é que domina no seio da situação.

A saída do sr. Mello Gouveia do ministerio da fazenda a respeito da feição politica do qual poderiam haver suas duvidas, e a entrada para o mesmo ministerio do sr. Cunha, ministro da fazenda na ultima situação progressista, veio accentuar ainda mais a feição partidaria do actual governo, onde é evidente a minoria em que se encontra o partido regenerador e o porto franquista.

Esta modificação ministerial veio mudar a mal soffrida attitude reservada da imprensa politica, e os campos começam a extremar-se apparecendo já uma opposição pronunciada e decidida ao governo, para que emfim se não perca o costume e não acabe o divirtido espectaculo do ralhar das comadres.

Os jornaes da situação tem querido fazer acreditar que a sahida do sr. Mello Gouveia foi unicamente devida á respeitavel idade e achaques de sua excellencia, de que se póde concluir que não ha nada para a gente envelhecer de um dia para o outro, como subraçarmos uma pasta de ministro.

Que isto ao menos sirva de exemplo aos varios casquilhos consummidores de agua circasiana, para que se affastem a sete pés das tentações de uma pasta, afim de não passarem pelo desgosto de lhe chamarem velhinhos e ginjas em boa letra redonda a dez réis a folha, alguns dias depois de subirem ás eminencias do poder.

Imaginem, que, se este caso assim como se deu com o sr. Mello Gouveia, que tem a coragem dos

seus cabellos brancos, se dava com algum intransigente com os pés de gallinha e outras injurias do tempo, não teriamos agora a lamentar serios conflictos sobre o mosaico do Chiado para provar se a agua circasiana assim como rejuvenesse por fóra tambem rejuvenesse por dentro.

Para destruir, porém a versão dos achaques do sr. Mello Gouveia, houve quem viesse dizer á imprensa que o mesmo sr. Mello Gouveia sahiu do ministerio por não querer transigir em dar ao sr. Emygdio Navarro a bagatella de cem contos de réis para o mesmo sr. ir a Londres tratar negocios do Estado.

Apesar da exiguidade da remuneração houve quem a achasse salgadinha e fizesse do agreiro um cavalleiro, com grande gaudio das gentes avidas de escandalos como do pão nosso de cada dia.

Entretanto ainda parece não ser esta a verdadeira causa da sahida do sr. Mello Gouveia, pela simples razão das gazetas affirmarem que o sr. Emygdio Navarro não foi incumbido de nenhuma missão official em Londres e por isso nada ter a receber das areas do Estado para esse fim.

O que se conclue d'aqui é que estamos em presença de um caso semelhante ao que se deu com o sr. dr. Camara, de ninguem saber ainda hoje porque foi que sua excellencia sahio.

Parece-nos porém que o mysterio se desvendará com o tempo e que as contradições em que se tem encontrado as folhas affectas ao governo breve hão de ter a sua explicação perfeitamente humana e nada surprehendente.

E emquanto se entretem o espirito publico com estes mysterios da politica, é certo que se amontoam as difficuldades financeiras assumindo proporções taes, que não serão sufficientes as forças de um ministro da fazenda para as subjugar.

É preciso muitos ministros, uma commissão de financeiros para estudar a maneira de, quem tem dez gastar vinte sem se empenhar, o que afinal não será difficil depois da mesma commissão concordar que se poderão continuar a gastar vinte tendo só dez com a unica condição de se continuar a empenhar.

Se esta commissão não se organisar, e não resolver este simples problema, então só resta um outro meio, é recorrer aos agiotas como qualquer simples mortal, que de resto não é coisa que nunca se visse e antes pelo contrario muita gente boa tem acabado ás mãos d'elles.

*João Verdadés*

## RESENHA NOTICIOSA

Francisco Augusto Mendes Monteiro. — Falleceu na sua casa do Largo do Quintella (antigo palacio do conde Farrobo) em Lisboa, o sr. Mendes Monteiro opulento capitalista cuja fortuna está calculada em 4:000 contos de réis.

O sr. Mendes Monteiro fez a sua fortuna no Brazil, e ha muitos annos que vivia em Portugal, tendo residido em Coimbra durante o tempo que seus filhos ali estudaram e se doutoraram. Em Lisboa o sr. Mendes Monteiro empregava a sua actividade, que era grande apezar da idade, dirigindo os seus negocios e as varias edificações que mandava fazer, sendo um dos primeiros proprietarios da capital.

Foi um dos fundadores dos *Albergues Nocturnos*, essa tão util instituição iniciada por El-rei D. Luiz, que chamou para ella a attenção de alguns cavalheiros abastados e de coração generoso.

Mendes Monteiro foi um d'esses escolhidos pelo fallecido monarcha para o ajudar na sua obra e este facto para a vida do opulento capitalista não é decerto o que menos recommenda a sua memoria.

A' beira do tumulo onde o acompanhou numeroso cortejo, uma voz se levantou par fazer o breve elogio do fallecido que ali baixava; essa voz foi a do sr. conde de Valenças, que passando em rapida revista os factos da vida de Mendes Monteiro, pôz em relevo os seus serviços aos *Albergues Nocturnos*, de que sua excellencia tem tambem sido o mais dedicado protector.

De todas as flôres que o illustre orador dispersou sobre a campa do morto, foi seguramente a da caridade significada na cooperação do finado nos *Albergues Nocturnos*, a que mais louvores dá á sua memoria.

Batalhão Patriotico. — Chegou do Rio de Janeiro, no dia 23 do mez passado, a bordo do vapor *Brésil*, o batalhão patriotico composto de 167 portuguezes que se propõem a ir para a Africa.

Este batalhão foi organisado no Rio de Janeiro por uma commissão de portuguezes, a quem o patriotismo não sofreu o ficarem impassiveis em presença das exigencias e arbitrariedades da Inglaterra.

Um dos membros d'essa commissão o sr. commendador Mersier, acompanhou a Lisboa estes voluntarios da patria, e dirigiu a El-Rei, em nome da mesma commissão, uma mensagem, em que aquelles portuguezes offerecem os seus braços e os seus haveres para desaggravarem a patria.

Dos 107 portuguezes que vieram, partiram no dia seguinte para Africa a bordo do *Rei de Portugal* 21, e parece que os restantes seguirão no paquete do dia 6 do corrente, para formarem uma colonia em algum dos pontos contestados da nossa Africa, conforme requereram ao governo.

Real Academia de Amadores de Musica.—Inaugurou os seus concertos, na presente epoca, com uma explendida festa a Real Academia de Amadores de Musica, em a noite de 24 do mez que acabou. Com este primeiro concerto realisou-se a distribuição de premios presidida pelo sr. infante D. Affonso, como representante de suas magestades que por incommodo de saude não poderam comparecer.

DR. KOCK, Descobridor do remedio contra a tysica

O programma do concerto foi magistralmente executado, distinguindo-se entre os concertistas a Ex.ma Sr.a D. Elvira Peixoto, D. Beatriz Bizarro e D. Herminia Lopes Monteiro etc.

O professor Hussala recebeu o diploma de chefe honorario da musica da Real Camara.

Agradecemos o convite que recebemos para este explendido concerto.

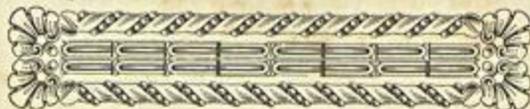
Inauguração do Caminho de Ferro de Vizeu. — Realizou-se no dia 24 do mez passado a inauguração do ramal do caminho de ferra de Santa Comba-Dão a Vizeu com grande enthusiasmo d'aquelles povos, que se agglomeravam nas estações, victoriando o comboio que pela primeira vez atravessava os seus povoados.

O comboio festivamente embandeirado e enfeitado de flôres e verdura, puchado por uma machina denominada «Vizeu», conduzia os srs. conselheiro Thomaz Ribeiro, ministro das Obras Publicas, reverendo Bispo de Bethsaida, conselheiros Mattos e Almeida d'Eça, engenheiros Vernek, Aguilar, Magalhães, Silva Monteiro, Roma Barboza, Ferreira de Mesquita da fiscalisação do governo, José Guedes da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugezes, Reunes e Manoel Emydio da Silva da companhia Nacional, alem de grande numero de convidados.

Todas as estações estavam vistosamente ornamentadas e na Parada de Gouta levantaram-se arcos de triumpho onde se lia o nome do sr. Thomaz Ribeiro.

O comboio que partiu de Santa Comba ás 9 horas e 45 minutos, chegou a Vizeu á 1 hora e 20 minutos. Na estação de Vizeu a concorrencia era enorme calculando-se em mais de 15:000 pessoas. A cidade estava em perfeita festa e a alegria era geral por se vêr concluido este importante melhoramento ha tantos annos reclamado por aquelle povo.

Na estação de Vizeu compareceram todas as authoridades e mais funccionarios da terra, levantando-se enthusiasticos vivas á familia real, ao ministerio e ao sr. Thomaz Ribeiro. A banda de infanteria 14 e varias philarmonicas tocaram o hymno da carta e a Portugueza.

A' noite houve um banquete de 100 talheres no theatro União, e a cidade illuminou festivamente, percorrendo as ruas e praças philarmonicas tocando hymnos patrioticos.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Instrucções** *para o serviço do recenseamento geral de população que fazem parte do decreto de 19 de dezembro de 1889*. Lisboa, Imprensa Nacional. 1890. Publicação do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.

E' importante o trabalho de estatistica que estas *Instrucções* regulam, e muito seria para desejar que o publico lhe prestasse todo o seu apoio, facilitando todos os esclarecimentos que se pedem, afim de se poder fazer um recenseamento geral da população tão verdadeiro quanto possivel, porque só assim elle poderá utilisar e produzir os beneficios que resultam d'estas estatisticas, que são o verdadeiro barometro por onde se conhece o valor das povoações.

**A Carta de Cesar**, *comedia em 1 acto, original* por José Geraldes de Queiroz, Lisboa, 1890. Esta comedia foi representada no theatro do Gymnasio onde teve um bello acolhimento do publico. E' uma comedia fina, extremamente engraçada, que melhor se avalia vendo-a em scena que lendo-a no livro. Primeira producção theatral do auctor, póde considerar-se uma estreia auspiciosa

**Questões de Responsabilidade moral e juridica**, *responsabilidade civil e responsabilidade criminal, direito e philosophia, duas theses propostas ao segundo congresso internacional d'anthropologia criminal*, por Armelin Junior, advogado. Lisboa. 1890. Typographia Universal. Um folheto de 68 paginas in-8.º Analysa com grande competencia a discussão que sobre a responsabilidade criminal teve logar no congresso de anthropologia criminal, reunido em Lisboa ha dois annos.

*Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.a*
Rua Nova do Loureiro 25 a 43